

Resenha

BOLAÑO, Roberto. *A literatura nazista na América*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Murilo Eduardo dos Reis*

No prefácio de sua *História universal da infâmia*, Jorge Luis Borges (2012) escreve que o volume é um compilado de biografias fictícias. Nesses contos, o escritor argentino confessa abusar de alguns procedimentos caros a enciclopédias, como enumerações e reduções de vidas inteiras a duas ou três cenas. Posteriormente, no prólogo de *Ficções*, Borges (2007) diz que, em vez de elaborar calhamaços de quinhentas páginas, o melhor procedimento criativo é imaginar que tais livros já existem e compor resumos ou comentários sobre eles.

O processo de escrita borgiano parece ter sido o escolhido por Roberto Bolaño em *A literatura nazista na América* (2019). À maneira de *História universal da infâmia* (2012) e *Ficções* (2007), reúne a trajetória de autores que, além de serem adeptos à tortura, ao extermínio de raças não arianas e à guerra, escrevem literatura. Como se integrassem um almanaque, são divididos em capítulos temáticos e têm suas carreiras político literárias resumidas a uma dúzia de páginas ou poucos parágrafos.

Vemos no subcapítulo dedicado a Edelmira Thompson Mendiluce (capítulo “Os Mendiluce”), por exemplo, que a poeta, pertencente a uma rica estirpe de Buenos Aires, escreveu e publicou inúmeros livros, além de ter financiado editora cujo nome é *El Cuarto Reich Argentino* – um dos pontos altos de sua trajetória foi ser fotografada, durante viagem à Alemanha, ao lado de Adolf Hitler. O *Führer*, aliás, é constantemente homenageado. O cubano Ernesto Pérez Masón (“Precursores e anti-iluministas”) escreve romance em que cifra saudação ao líder nazista – começa cada um dos quinze capítulos com letras que, ao final, formam acróstico detectado pela censura: VIVA ADOLF HITLER. Já a autora portenha Daniela de Montecristo (“Letradas e

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

viajantes”) publica *As amazonas* – épico que trata de um quarto *Reich* sediado na capital argentina – e tem tatuada na nádega esquerda a suástica nazista.

Todos os escritores do bestiário imaginado por Bolaño possuem obras extensas, porém execradas ou ignoradas pela crítica.

Assim como em escritos cuja principal função da linguagem é a referencial, o estilo empregado pelo escritor chileno dialoga com a objetividade do jornalismo, algo que pode ser notado na descrição de Amado Couto (“Magos, mercenários, miseráveis”), escritor brasileiro malsucedido que se revela admirador incondicional da obra de Rubem Fonseca e tem a inusitada ideia de sequestrar o autor brasileiro:

Couto escreveu um livro de contos que nenhuma editora aceitou. O livro se perdeu. Depois foi trabalhar nos Esquadrões da Morte e sequestrou e ajudou a torturar e viu como matavam certas pessoas, mas ele continuava pensando na literatura e mais exatamente no que era necessário à literatura brasileira. Era necessário vanguarda, letras experimentais, dinamite, mas não como os irmãos Campos, para ele uns chatos, uma dupla de professorações desnatados, nem como Osman Lins, que ele achava francamente ilegível (então por que publicavam Osman Lins e não seus contos?), e sim algo moderno mas puxando para seu terreno, algo policialesco (mas brasileiro, não americano), um continuador de Rubem Fonseca, para sermos claros. Este escrevia bem, embora dissessem que era um filho da puta, o que ele não achava. Um dia, enquanto esperava dentro de um carro num descampado, pensou que não seria má ideia sequestrar e fazer alguma coisa com Fonseca. (BOLAÑO, 2019, p. 121)

Reproduzindo a forma de textos informativos, a narração é estruturada em períodos curtos. O emprego de assíndetos (“Era necessário vanguarda, letras experimentais, dinamite, [...]”), polissíndetos (“[...] foi trabalhar nos Esquadrões da Morte e sequestrou e ajudou a torturar e viu como matavam certas pessoas [...]”) e sequências desprovidas de ponto final dão agilidade enumerativa ao texto, quase como se ele fosse parte de um romance policial ou de uma notícia publicada em veículo da imprensa.

O personagem de Bolaño parece saído da obra fonssequiana, pois é apresentado com a mesma perversidade de alguns protagonistas criados pelo autor de *O cobrador*. A título de exemplificação, pode-se citar Vilela, escritor e ex-policial que atua como detetive em *O caso Morel* (1995). Nesse romance, ele investiga assassinato supostamente cometido por um artista de vanguarda. Para extrair a verdade, utiliza, assim como Couto, métodos cruéis de tortura – em certo momento, o narrador onisciente acessa sua memória e revela ao leitor episódio em que o então investigador humilha e assassina, no meio de um aterro sanitário, um prisioneiro.

Algo que também pode ser considerado é a informação extraliterária contida no excerto. O narrador, misturando sua voz com a do personagem, elogia o estilo fonsequiano, mas também faz julgamento de valor a respeito da pessoa do escritor. Aveso a entrevistas, há certo mistério em torno da figura de Fonseca, principalmente no que diz respeito ao seu posicionamento político.

Schneider Carpeggiani, em artigo publicado no *Suplemento Pernambuco* (2019), afirma que a opinião de Amado Couto seria uma alusão ao fato de o escritor brasileiro ser filiado ao regime militar, o que o colocaria no bestiário de escritores nazistas criado por Bolaño. Rubem Fonseca mantinha relações estreitas com o executivo Antonio Gallotti e o general Golbery do Couto e Silva, representantes de um grupo que foi responsável pelo golpe de 1964, o que culminou numa ditadura de 21 anos – motivo que levaria algumas pessoas a considerá-lo um “filho da puta”.

Assim como Rubem Fonseca, o mais terrível personagem de Bolaño também mantinha vínculo com o sangrento regime militar de seu país.

A maior celebridade de *A literatura nazista na América* (2019) é Carlos Ramírez Hoffman – tanto que possui um capítulo para si (“Ramírez Hoffman, o Infame”). Poeta de vanguarda que escrevia poemas no céu pilotando um caça, foi funcionário do governo Pinochet. Com as próprias mãos, torturou e matou inúmeros artistas chilenos considerados subversivos, cujos corpos enterrou em valas comuns. Além disso, Hoffman também fez com que Bolaño ampliasse sua breve biografia e escrevesse o romance *Estrela distante* (2012). No prefácio, o romancista (BOLAÑO, 2012, p. 9) fala que a história do tenente Ramírez realmente existiu. A terrível fábula foi contada por um compatriota e amigo chamado Arturo B., veterano de guerra que, não satisfeito com o desfecho anterior, pediu ao autor de 2666 que a transformasse em uma história maior. Na nova narrativa, Hoffman aparece aposentado e utiliza o codinome Carlos Wieder. Em alemão, *wieder* quer dizer “outra vez”. Dessa maneira, o sobrenome do poeta assassino remete ao eterno retorno de um mal inextinguível. Não há lei punitiva que o faça desaparecer.

A literatura nazista na América (2019), com sua dicção compulsiva e objetiva, representa (e sempre representará?) a caótica e desumana realidade política que nos cerca. Basta lembrar que, recentemente, Roberto Alvim, então Secretário Especial da Cultura do governo Bolsonaro, tentou imitar Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista. Além da risível e trágica reprodução, o funcionário bolsonarista parafraseou – de maneira estapafúrdia, já que a referência foi logo

identificada – trecho de famoso discurso do seguidor de Hitler, em que se faz apologia a uma arte dita pura e nacional.

Uma coisa que chama a atenção nos retratos de certos escritores é que alguns deles parecem ter o olhar de quem sabe das coisas. É só digitar no Google “drummond” ou “lispector”. É possível reparar que há algo diferente naquelas expressões, uma coisa pesada, escorregadia, difícil de explicar. Esse diferencial também está presente no aspecto de Bolaño, substância que se traduz nos perfis traçados em *A literatura nazista na América* (2019) – certamente, ele já previa o retorno à barbárie que nos aguardava.

Referências

BOLAÑO, R. *Estrela distante*. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: MEDIAfashion, 2012.

BOLAÑO, R. *A literatura nazista na América*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BORGES, J. L. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, J. L. *História universal da infâmia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CARPEGGIANI, S. Bolaño, “A literatura nazista na América” e um noturno do Brasil. 2019. *Suplemento Pernambuco*. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2257-bolaño,-a-literatura-nazista-na-américa-e-um-noturno-do-brasil.html>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

FONSECA, R. *O caso Morel*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em: 12/06/2020

Aprovado em: 30/07/2020